

III

A ORAÇÃO COLETIVA

Embora transportado á maneira de ferido comum, lobriguei o quadro confortante que se desdobrava á minha vista.

Clarencio, que se apoiaava num cajado de substancia luminosa, deteve-se á frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Tateando um ponto da muralha, fez-se longa abertura, através da qual penetraramos silenciosos.

Branda claridade inundava all todas as coisas. Ao longe, gracioso foco de luz dava a idéia de um pôr-do-sol em tardes primaveris. A medida que avançavamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins.

Ao sinal de Clarencio, os condutores depuseram, devagarinho, a maca improvisada. A meus olhos surgiu, então, a porta acolhedora de alvo edificio, á feição de grande hospital terreno. Dois jovens, envergando tunicas de alvo linho, acorreram pressurosos ao chamado de meu benfeitor, e quando me acomodavam num leito de emergencia, por me conduzirem cuidadosamente ao interior, ouvi o generoso ancião recomendar carinhosos:

— Guardem nosso tutelado no pavilhão da direita. Esperar agora por mim. Amanhã, cedo, voltarei a vê-lo.

Enderecei-lhe um olhar de gratidão, ao mesmo tempo que era conduzido a confortável aposento de amplas proporções, ricamente mobiliado, onde me ofereceram leito acolhedor.

Envolvendo os dois enfermeiros na vibração do meu reconhecimento, esforcei-me por lhes dirigir a palavra, conseguindo dizer por fim:

— Amigos, por quem scis, explicai-me em que novo mundo me encontro... De que estrela me vem, agora, esta luz confortadora e brilhante?

Um deles afagou-me a fronte, como se fôra conhecido pessoal de longo tempo e acentuou:

— Estamos nas esferas espirituais vizinhas da Terra e o sól que nos ilumina, presentemente, é o mesmo que nos provia o corpo fisico. Aqui, entretanto, nossa percepção visual é muito mais rica. A estrela que o Senhor ascendeu para os nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que a supomos quando no círculo carnal. Nossa sól é a divina matriz da vida, e a claridade que irradia provém do Autor da Criação.

Meu ego, como que absorvido em onda de infinito respeito, fixou a luz branda que invadia o quarto, através das janelas, e perdi-me no curso de profundas cogitações. Recordei, então, que nunca fixara o sól, nos dias terrestres, meditando na imensuravel bondade d'Aquele que no-lo concedeu para o caminho eterno da vida. Se melhava-me assim ao cego venturoso, que abre os olhos para a natureza sublime, depois de longos séculos de escuridão.

A essa altura, serviram-me caldo reconfortante, seguido de agua muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos. Aquela reduzida porção de liquido reanimava-me inesperadamente. Não saberia dizer que especie de sopa era aquela; se alimentação sedativa, se remedio salutar. Novas energias amparavam-me a alma, profundas comogões vibravam-me no espírito.

Minha maior emoção, todavia, reservava-se para instantes depois.

Mal não saíra da consoladora surpresa, divina melodia penetrou quarto a dentro, parecendo suave colméia de sons a caminho das esferas superiores. Aquelas notas de maravilhosa harmonia atravessavam-me o coração. Ante meu olhar indagador, o enfermeiro, que permanecia ao lado, esclareceu bondoso:

— E' chegado o crepúsculo em "Nosso Lar". Em todos os núcleos desta colônia de trabalho, consagrada ao Cristo, ha ligação direta com as preces da Governação.

E enquanto a música embalsamava o ambiente, despediu-se, atencioso:

— Agora, fique em paz. Voltarei logo após a oração.
Empoigou-me ansiedade súbita.

— Não poderei acompanhar-vos? — perguntei suplicante.

— Está ainda fraco — esclareceu gentil — todavia, caso sintas-te disposto...

Aquela melodia renovava-me as energias profundas. Levantei-me vencendo dificuldades e agarrei-me ao braço fraternal que se me estendia. Seguindo vacilante, cheguei a enorme salão, onde numerosa assembléia meditava em silêncio, profundamente recolhida. Da abóbada cheia de claridade brilhante, pendiam delicadas e florais guirlandas, que vinham do teto à base, formando radiosos símbolos de espiritualidade superior. Ninguém parecia dar conta da minha presença, no passo que mal dissimulava eu a surpresa inexcedível. Todos os circunstantes, atentos, pareciam aguardar alguma coisa. Contendo a custo numerosas indagações que me esfarrinhavam na mente, notei que ao fundo, em tela gigantesca, desenhava-se prodigioso quadro de luz quase feérica. Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilho. Sentado em lugar de destaque, um ancião coroado de luz fixava o Alto, em atitude de prece, envergando alva tunica de irradiações resplandecentes. Em plano inferior, setenta e duas figuras pareciam acompanha-lo em respeitoso silêncio. Altamente surpreendido, reparrei Clarencio participando da assembléia, entre os que cercavam o velhinho resplendente.

Apertei o braço do enfermeiro amigo, e, compreendendo ele que minhas perguntas não se fariam esperar, esclareceu em voz baixa, que mais se assemelhava a leve sopro:

Conserve-se tranquilo. Todas as residências e instituições de "Nosso Lar" estão orando com o Governador,

através da audição e visão à distância. Louvemos o Coração Invisível do Céu.

Mal terminara a explicação, as setenta e duas figuras começaram a cantar harmonioso hino, repleto de indefinível beleza. A fisionomia de Clarencio, no círculo dos veneráveis companheiros, figurou-se-me tocada de mais intensa luz. O canto celeste constituía-se de notas angelicais, de sublimado reconhecimento. Palavras no recinto misteriosas vibrações de paz e alegria e, quando as notas argentinas fizeram delicioso estacato, desenhou-se, ao longe, em plano elevado, um coração maravilhosamente azul (1), com estrias douradas. Caridosa música, em seguida, respondia aos louvores, procedendo talvez de esferas distantes. Foi aí que abundante chuva de flores azuis se derramou sobre nós; mas, se fixavamos os olhos celestiais, não conseguíamos detê-los nas mãos. As cores das minúsculas desfaziam-se de leve, ao tocar-nos a frente, experimentando eu, por minha vez, singular renovação de energias ao contacto das pétalas fluidicas que me balsamizavam o coração.

Terminada a sublime oração, regressei ao aposento de enfermo, amparado pelo amigo que me atendia de perto. Entretanto, não era mais o doente grave de horas anteriores. A primeira prece coletiva em "Nosso Lar" operara em mim visceral transformação. Conforto inesperado envolvia-me a alma. Pela primeira vez, depois de anos consecutivos de sofrimento, o pobre coração, saudoso e atormentado à maneira do cálice muito tempo vazio, encheria-se de novo das gotas generosas do licor da esperança.

(1) Imagem simbólica formada pelas vibrações mentais das habitantes da colônia. — NOTA DO AUTOR ESPIRITUAL.